

PROVA DE AVALIAÇÃO DE CONHECIMENTOS-2020

PORTUGUÊS

Alínea c) do n.º 1 do artigo 13.º-C do Decreto-Lei n.º 113/2014, de 16 de julho, republicado pelo Decreto-Lei n.º 11/2020, de 2 de abril.

Duração da Prova (componente específica): 60 minutos.

A resolução desta prova tem, obrigatoriamente, de ser respondida em folha de resposta separada.

6 páginas

ORIENTAÇÕES e ADVERTÊNCIAS

- Para cada resposta, identifique o grupo e o item.
- Nas questões de escolha múltipla, APENAS 1 (uma) resposta é correta. Não assinale mais do que um *item* para a mesma questão, sob pena de a sua seleção ser anulada.
- Escreva, na folha de respostas, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.
- Utilize caneta ou esferográfica de tinta indelével de cor preta ou azul. Se utilizar lápis a prova será anulada.
- Não é permitida a utilização de fita ou tinta corretora.
- Não é permitida a utilização de quaisquer sistemas de comunicação móvel (computadores portáteis, aparelhos de vídeo/áudio, incluindo telemóveis, *bips*, entre outros). Qualquer um destes aparelhos deve estar desligado. O não cumprimento desta regra levará à anulação da prova.
- Não é permitida a consulta de dicionário.
- Apresente as suas respostas de forma legível.
- Ao responder, diferencie corretamente as maiúsculas das minúsculas.
- Confira as respostas assinaladas antes de entregar o caderno ao docente encarregado da vigilância e de dar como finalizada a Prova.
- As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

GRUPO I

Leia o texto.

As histórias que se estragam

Num conto intitulado *Conversa de Quintal*, Olinda Beja põe uma personagem a dizer que tem na sua cabeça um mundo de histórias a estragarem-se (Eu tem um mundo de sóya aqui no cabeça a estragá).

5 Culpamos muitas vezes as novas tecnologias e as redes sociais pelo desinteresse a respeito de certas tradições e partilhas culturais e, por isso, as histórias ficam a estragar-se na cabeça de algumas pessoas. Eu, na altura em que poderia ter impedido uma série de histórias de se estragarem, cometi exactamente o mesmo erro, o da indiferença. Hoje tenho muita pena de não ter ouvido dos meus avós, da minha mãe, as histórias que poderia ter ouvido. Como não havia redes sociais, creio que o culpado só posso ser eu. Penso que o meu caso não será único, 10 e muitos de nós deixaram histórias estragarem-se assim como verão muitas das suas a definharem sem se cumprirem, sem terem a possibilidade de sair e habitar outro corpo, não por causa das redes sociais, nem por causa de culpados anteriores, a televisão ou as brincadeiras de rua, mas por mero desinteresse ou, se quisermos, incapacidade para avaliar e detectar as riquezas que nos cercam. O que nos interessa na juventude não é o mesmo que nos 15 interessa na maturidade ou na velhice, e isso é um problema difícil de sanar. Em África repete-se muito um conhecido adágio: quando morre um velho desaparece uma biblioteca.

Podemos fazer grandes viagens, Samarcanda, Bagdade, Wadi Rum, Agra, podemos subir as montanhas mais altas, deixar pegadas num deserto africano, dormir com leões e nadar com tubarões, fotografar auroras boreais, cavalos selvagens e vulcões zangados, mas há viagens 20 demasiado próximas que têm mais grandiosidade do que as maiores e mais belas quedas de água ou picos nevados ou selvas luxuriantes ou imponentes túmulos de pedra. A grande viagem começa às vezes ao nosso lado, pode estar a um pequeno percurso de carro ou de autocarro ou a pé ou de bicicleta, pode ser facilmente encontrada no interior do país, por exemplo, onde a solidão se cultiva com mais zelo do que os campos de searas, pode estar no 25 café de uma esquina ou no quintal. Pode estar sentada na nossa sala. Há grandes viagens que se deitam todos os dias em nossa casa e sonham sozinhas. A essas viagens fundamentais, as mais belas de todas, chamamos simplesmente “disponibilidade para ouvir”. Ou partilha. Ou tomar um chá ao fim da tarde.

É isso que salva as histórias de se estragarem: não é preciso gastar uma fortuna num hotel 30 charmoso nem levar passaporte ou boletim de vacinas, basta sentarmo-nos e fazer com que esse mundo, esse mundo imenso de histórias não se esboroe. É evidente que isso pode ser feito na Cochinchina ou no Japão ou em Moçambique, e que essa Cochinchina, esse Japão e esse Moçambique serão uma viagem muito mais espessa e rica do que simplesmente passar por esses lugares como turistas fantasmas, atravessando tudo, sem nos determos em nada, mas 35 não será surpresa para ninguém perceber que há mundos de uma vastidão assombrosa no nosso quotidiano ou muito perto, a uns passos, a uns minutos, a umas horas.

Porque tudo se resume a isto: a maior viagem possível é ouvir.

Afonso Cruz, 24/08/2018

<https://www.evasoes.pt/evasoes-360/cronica-de-afonso-cruz-as-historias-que-se-estragam/>

NOTA: O texto de Afonso Cruz obedece à norma ortográfica anterior ao Novo Acordo.

Escreva, na folha de respostas, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

1. Na crónica, Afonso Cruz afirma que o que nos interessa na idade adulta não é o mesmo que nos interessa na juventude, ou seja,
 - (A) na juventude, valorizamos mais as grandes viagens.
 - (B) na juventude, valorizamos mais a companhia dos amigos.
 - (C) na idade adulta, valorizamos mais as redes sociais.
 - (D) na idade adulta, valorizamos mais as partilhas culturais.

2. No contexto global da crónica, a frase proferida pela personagem criada por Olinda Beja, no conto *Conversa de Quintal*, significa:
 - (A) as histórias fazem mal à cabeça.
 - (B) as histórias perdem a validade.
 - (C) as histórias devem ser guardadas na cabeça.
 - (D) as histórias devem ser partilhadas.

3. O adágio africano «Quando morre um velho desaparece uma biblioteca» significa:
 - (A) quando morre um idoso enterra-se com ele os seus livros.
 - (B) quando morre um idoso desaparece o saber por ele acumulado.
 - (C) quando morre um idoso alcança-se a sabedoria.
 - (D) quando morre um idoso destrói-se a biblioteca da sua área de residência.

4. De acordo com Afonso Cruz, o que leva as pessoas a deixarem “as histórias estragarem-se na cabeça” é
 - (A) a falta de tempo para conversar.
 - (B) o uso excessivo das redes sociais.
 - (C) a impossibilidade de viajar.
 - (D) a indisponibilidade para partilhar.

5. Para Afonso Cruz, as viagens realmente importantes são aquelas em que
 - (A) experienciamos aventuras imprevistas.
 - (B) exploramos paisagens exóticas.
 - (C) atentamos nas realidades que nos rodeiam.
 - (D) investimos uma fortuna.

6. O autor, na frase «há grandes viagens que se deitam todos os dias em nossa casa e sonham sozinhas» (linhas 25 e 26), recorre
- (A) à metáfora para evidenciar a ideia de que as viagens têm vida própria.
 - (B) à hipérbole para enfatizar a ideia de que não é necessário sair de casa para viajar.
 - (C) à personificação para evidenciar a ideia de que grandes viagens ganham vida na imaginação de cada pessoa.
 - (D) à aliteração para intensificar a ideia de que quem se deita e quem sonha são as pessoas e não as viagens.
7. Quem inclui o autor no pronome pessoal “nós” (linha 10)?
- (A) A si próprio e à família.
 - (B) A si próprio e aos amigos de brincadeiras de rua.
 - (C) A si próprio, ao leitor e a muitas outras pessoas.
 - (D) Nenhuma das anteriores.
8. As palavras “grandiosidade” (linha 20) e “interior” (linha 23) classificam-se como
- (A) um nome, no primeiro caso, e um adjetivo no segundo.
 - (B) um adjetivo, no primeiro caso, e um nome no segundo.
 - (C) nomes em ambos os casos.
 - (D) adjetivos em ambos os casos.
9. Na frase “Quando morre um velho desaparece uma biblioteca” (linha 16) as expressões sublinhadas desempenham a função sintática de
- (A) complemento direto.
 - (B) sujeito.
 - (C) predicativo do sujeito.
 - (D) complemento indireto.
10. Nas linhas 6 e 7, as formas verbais “poderia” e cometi” estão conjugadas
- (A) no pretérito imperfeito e no pretérito perfeito do indicativo, respetivamente.
 - (B) no condicional simples e no pretérito perfeito do indicativo, respetivamente.
 - (C) no presente do conjuntivo e no pretérito imperfeito do indicativo, respetivamente.
 - (D) no pretérito perfeito do indicativo, em ambos os casos.

Grupo II

Na sequência do texto de Afonso Cruz, leia o excerto que a seguir se apresenta de José Tolentino de Mendonça e redija um texto expositivo-argumentativo, no qual reflita sobre a importância do “ouvir” e “escutar” na construção de uma sociedade mais comunitária e de proximidade com o Outro.

“De facto, o mundo, que nos habituamos a identificar como estridente caixa sonora que nunca dorme, é atravessado por um fio de silêncios à espera de serem escutados.”

José Tolentino Mendonça, “O que fica por escutar”, in “O Pequeno Caminho Das Grandes Perguntas, 8.º ed., Lisboa, Quetzal, 2019, p.67

O seu texto deve:

- Ter um mínimo de 200 e um máximo de 300 palavras;
- Apresentar uma estrutura coerente e coesa;
- Expor, de forma clara e pertinente, o seu ponto de vista, justificando-o com, pelo menos, duas razões;
- Apresentar uma breve conclusão.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2018/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas e cinquenta palavras –, há que atender ao seguinte:
 - Um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - Um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

FIM

COTAÇÕES

	Cotação em pontos										
Grupo/ Item	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
I	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	50
II	Item único										50
Total											100